



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. XIII (2012)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Andrea Daher, *A Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas letradas, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012, 238 pp. ISBN: 9788520010792.*

Ana Paula Avelar 

Como Citar | How to Cite

Avelar, Ana Paula. 2012. «Andrea Daher, *A Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas letradas, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012, 238 pp. ISBN: 9788520010792*». *Anais de História de Além-Mar* XIII: 517-520. <https://doi.org/10.57759/aham2012.37193>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2012. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2012. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

Andrea DAHER, *A Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas letradas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012, 238 pp. ISBN: 9788520010792.

O livro de Andrea Daher *A Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas letradas* oferece um conjunto de ensaios que a autora coerentemente reescreveu em torno dessa temática. Para além de fazer o levantamento do «estado de arte» da apreensão e manipulação europeia das línguas ágrafas *brasílicas*, Andrea Daher historiografa o modo como a sua oralidade foi (trans)escrita. Através de uma ancoragem teórica consistente, a autora inscreve este ensaio na dimensão heterológica do discurso sobre o índio e em que ele fala, delimitando clara e eficazmente os seus instrumentos conceptuais. Ao longo de 238 páginas, Daher domina os instrumentos que permitem a desocultação de uma alteridade que, como refere, Michel Certeau particularizou ao desenvolver a noção de *heterologia*: «(...) no momento da separação entre um saber-dizer (escrever) sobre aquilo que o outro cala (não fala e não pode falar)»¹.

A estrutura deste livro expõe a abordagem orgânica de Andrea Daher a uma das questões que recentemente têm ocupado os estudos de cultura, em particular no âmbito dos estudos pós-coloniais: a da língua como espaço de alteridade. Recorde-se que Walter D. Mignolo, no seu trabalho *The Darker Side of the Renaissance – Literacy, Territoriality, & Colonization*, equaciona exactamente esta matéria: «(...) current discussions on colonial legacies and postcolonial theories emerge from the need to decolonize scholarship and to decenter epistemological loci of enunciation»². É, deste modo, num espaço de descentração epistemológica de lugares de enunciação que Andrea Daher exercita a sua análise. A autora reequaciona, assim, um novo olhar, sem deixar de considerar os tradicionais laços entre hermenêutica e filologia, desocultando as interações culturais das práticas semióticas por si estudadas.

Nos seus ensaios, perpassa a atenção às várias correntes que continuam a estar presentes nas abordagens à recuperabilidade do passado:

Those who emphasized the analysis of texts and the forms and categories of representation of the observers as the essential way to deal with the history of cultural encounters met firm opposition from those who continued to believe, despite the haze of linguistic and cultural assumptions that limit observation, that other cultures existed outside the mind of the observer, and that these can be observed and understood in an admittedly imperfect approximation of a reality³.

A coerência analítica da autora impõe-se no modo como desconstrói as representações de em uma escrita do índio. A sua estratégia desconstrutivista⁴ tem implicações na forma como intui o passado, o qual surge como uma imbricada cadeia de sentidos e de significações tanto da natureza da estrutura narrativa, ou formas de narração, como de outras formas culturais.

¹ Andrea DAHER, *Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas letradas*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012, p. 17.

² Walter D. MIGNOLO, *The Darker Side of the Renaissance – Literacy, Territoriality, & Colonization*, Michigan, The University of Michigan Press, 2003, p. ix.

³ Stuart B. SCHWARTZ, *Implicit Understandings – Observing, Reporting, and Reflecting on the Encounters between Europeans and Other Peoples in the Early Modern Era*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994, p. 19.

⁴ Cf. Alun MUNSLOW, *Deconstructing History*, London and New York, Routledge, 1997, pp. 67-74.

Exercita-se, neste conjunto de ensaios, aquilo que Ricoeur define como representação no contexto, seja de uma epistemologia do campo historiográfico, seja da ontologia da existência da História:

Le mot «représentance» condense en lui-même toutes les attentes, toutes les exigences et toutes les apories liées à ce qu'on appelle par ailleurs l'intention ou l'intentionnalité historique: elle désigne l'attente attachée à la connaissance historique des constructions constituant des reconstructions du cours du passé des événements. On a introduit plus haut cette relation sous les traits d'un pacte entre l'écrivain et le lecteur⁵.

Na estrutura que concebeu para este livro, Andrea Daher tentou preservar a identidade original dos seus textos. Organizou-os, porém, em função do tópico que dá título à sua obra: *Oralidade Perdida – Ensaios de história das práticas literárias*. As cinco partes em que dividiu o seu livro revelam uma estrutura articulada, explicitada no início, quando assinala que: «[e]ste é o longo percurso a ser percorrido, no filigrana dos textos, nos ensaios deste livro, divididos em três blocos»⁶. Estes blocos são, desde logo, enunciados pela autora, quando expõe os seus objectivos:

Em cada um desses momentos, desenham-se figuras diferentes do índio, num longo percurso que vai do *outro* como *mesmo* ou *próximo* dos jesuítas ao *outro* como diferença cultural da literatura romântica ou dos projetos civilizatórios do Império brasileiro⁷.

Andrea Daher salvaguardou nesta estrutura a autonomia ensaística de cada parte, através de um percurso analítico que se amplia ao longo do texto. Alguns dos seus «estudos de caso» permitem historiar práticas literárias, vectorizar políticas de língua e desocultar representações discursivas dos índios.

Logo na primeira parte do livro, intitulada «narrativas entre escrita e oralidade», Andrea Daher expõe os seus pressupostos teóricos e conceptuais, e referencia as fontes que considera primordiais. A autora adverte o leitor para o facto de analisar alguns dos efeitos da tradição filosófica ocidental que se plasmam nos textos a que recorre. Nesse sentido, reflecte sobre dispositivos utilizados, nomeadamente retóricos, e historia as políticas de língua que foram sendo adoptadas e respectivos vectores construtivos⁸.

Numa perspectiva diacrónica, a autora revisita as temáticas constitutivas da representação do índio através do olhar discursivo dos textos portugueses e franceses. Na segunda parte, intitulada «a redução à língua geral», Andrea Daher aborda aquilo que considera ser a constância da língua geral em José de Anchieta e os usos das chamadas línguas gerais, percorrendo os processos adoptados desde os intérpretes aos especialistas. Esta sua análise é dividida em subpontos em que aborda «as letras impressas na gramática e nos diálogos», as «letras impressas na alma», «a boca “infernai”», e «a boca cristã». O tópico seguinte intitula-se «os usos das línguas gerais: dos intérpretes aos especialistas». Também este surge subdividido em diferentes pontos: «línguas gerais americanas», «o pressuposto teológico da conversão na língua do catecúmeno», a «língua e convertibilidade», o «dom das línguas e projeto missionário na exegese bíblica», o «dom das línguas e projeto missionário no princípio apostólico de *acomodatio*», «os instrumentos da conversão das almas», os «especialistas das línguas gerais», as «línguas vernáculas». Esta subdivisão expõe a problematização articulada que a autora elabora face a este objecto de estudo.

⁵ Paul RICOEUR, *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris, Editions du Seuil, 2000, p. 359.

⁶ A. DAHER, op. cit., p. 34.

⁷ *Idem*, p. 36.

⁸ Cf. *Idem*, p. 21.

Na terceira parte, Daher prossegue esta estratégia analítica quando se debruça sobre a «inscrição da língua geral», em que deambula pela conversão dos tupinambás entre a oralidade e a escrita, destacando os «Franceses e tupinambás», o «dialogar em tupi: os *truchements* e a prática do escambo», as «conversações com os selvagens», o «discursar em tupi: a conversação do tupinambá», «o selvagem dotado de fala», «o índio do francês», «o tupi, língua deste universo», os «selvagens setentrionais e meridionais» e o «mito do bom tupinambá».

Na quarta parte da obra, Andrea Daher aborda a questão cultural do tupi, a qual é objecto de análise em dois momentos: «da língua do próximo à língua do Outro» e «a cena do índio na literatura brasileira». A digressão pelo tópico inicial atravessa «do tupi ao português», «a entrada na civilização pela língua», «o espírito da raça», «o espírito da língua» e «a presença da palavra indígena». Por seu turno, o tópico do índio na literatura brasileira é abordado nas partes «as letras de Denis», «a fidelidade do olhar para o Brasil», «as cenas da natureza brasileira», «a cena como drama em *Les Machalis*», «o índio histórico e o índio contemporâneo» e «a cena da cena primitiva».

Por último, Andrea Daher encerra o ciclo ensaístico com «as narrativas monumentalizadas», em que focaliza «a narrativa como fonte», «a narrativa fundadora», «a narrativa como resíduo». Este é o seu balanço das modalidades discursivas que analisou e entrevistou. As fontes que escolheu foram, maioritariamente, os textos produzidos por missionários no Brasil:

Esses materiais chegaram até aos dias de hoje como resíduos de práticas de representação relacionadas à conversão, marcados por modalidades de escrita, de leitura, de circulação oral e de memorização, em situações sociais cuja lógica, em muitos aspectos, resta a ser definida. Nesse sentido, estes ensaios procuraram recompor algumas estruturas das representações de uma «oralidade indígena», a partir dos usos históricos de determinadas narrativas, considerando os modelos de instituição retórica e os preceitos doutrinários da teologia – política modernos que então determinaram possíveis⁹.

A análise de Andrea Daher assenta numa sólida prática interdisciplinar, a qual implica uma constante desnaturalização do conhecimento, o que permite ultrapassar o natural constrangimento inerente ao conhecimento construído em cada área disciplinar e vivenciar a abertura para uma diferenciada estruturação e representação do conhecimento do mundo¹⁰. A sua análise interdiscursiva funciona como um primeiro momento dessa mesma prática, pois, ao tomar os textos como discursos, isto é, como o trinómio que corporiza o texto, o seu produtor e o contexto, a linguagem ocorre sempre num contexto social específico e reflecte pressupostos, códigos, expectativas e pressões ideológicas próprias¹¹. Como a autora sintetiza nas últimas páginas:

os ensaios deste livro tiveram por princípio a saída de critérios mais usuais de classificação e de análise das obras. Foram tomadas como resíduo, tornando possível estabelecer hoje a sua normatividade através de uma perspectiva não apenas crítica, mas também morfológica, da estrutura desses discursos, e arqueológica, em seus diferentes usos e funções históricos¹².

⁹ *Idem*, p. 219.

¹⁰ Cf. Joe MORAN, *Interdisciplinarity*, London-New York, Routledge, 2002, p. 187.

¹¹ Graham ALLEN, *Intertextuality*, London-New York, Routledge, 2000, pp. 211-212.

¹² A. DAHER, op. cit., p. 237.

Em Andrea Daher assiste-se ao domínio da bibliografia nuclear, que, de um e do outro lados do Atlântico, tem vindo a ser produzida¹³, seja no espaço da produção historiográfica luso-brasileira, seja no espaço francófono. Esse domínio corporiza-se no conjunto de extensas e elucidativas notas de rodapé, embora seja de lamentar a ausência de uma bibliografia final. A novidade de que se reveste esta reflexão torna-a um dos textos ensaísticos a ter em atenção por todos os que se debruçam sobre a temática. Este aspecto é tanto mais relevante, quanto o arco temporal que a autora percorre parte, como já foi referido, do século XVI e culmina no século XIX, sendo sistematicamente citadas fontes que permitem a desocultação dessa oralidade perdida.

O cotejo preciso e meticuloso do *corpus* textual produzido em língua portuguesa e francesa permite ao leitor perceber a evolução das práticas letradas na representação de uma outra oralidade, a do *outro*, a do índio, e, conseqüentemente, redesenhar o seu olhar sobre essa representação. Afinal, como refere Stuart Schwartz: «Since the understanding of the Other depended on self-perception, the implicit ethnography was really of the Self¹⁴.» Com efeito, a própria autora recorda que:

Não há dúvida de que todo uso crítico é, em alguma medida, monumentalizante, não fosse pela dependência da crítica em relação a uma instituição social monumentalizadora. Mas é ainda neste espaço – e apesar dele – que é possível entender a relação entre as narrativas e uma «oralidade selvagem» que esteve, até ao século XVIII, circunscrita às tópicas do testemunho ocular e auditivo, entre outras, até vir a legitimar, a seguir, o índio e a língua tupi como objetos do projeto histórico-literário triunfante, cuja condição *sine qua non* consistia em perdê-los de vez nostalgicamente, nas mais distantes origens¹⁵.

Nestas últimas palavras de Andrea Daher, ecoa, afinal, o alerta de Fernando Catorga relativamente ao contrato celebrado por cada historiador com a responsabilidade ética e epistémica inerente ao seu ofício, isto é, a obrigação de, tanto quanto for possível, actuar como pastor e lobo dos seus fantasmas e do «ser ausente» que pretende reviver. Esta inevitável condicionalidade convida a pôr sob suspeita a memória transmitida e a transparência ontológica da sua narração:

De acordo com um exemplo usado, algures, por Peter Burke, poder-se-á afirmar, que, ética e deontologicamente, ele [o historiador] não deve recusar partir à procura dos esqueletos escondidos nos armários da memória, apesar de saber que ao fazê-lo, corre o risco de estar a ocultar, mesmo inconscientemente, alguns dos que transporta dentro de si¹⁶.

ANA PAULA AVELAR
(Universidade Aberta/CHAM)

¹³ Atente-se igualmente à importância crescente que tem ganhado na academia portuguesa o estudo das práticas letradas, surgindo ainda no ano de 2011 duas teses de doutoramento, defendidas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que a elas dedicam extensa reflexão. Refiro-me aos trabalhos de Ana Rita Bernardo Leitão e Maria Adelina Amorim.

¹⁴ S. B. SCHWARTZ, op. cit., p. 14.

¹⁵ A. DAHER, op. cit., p. 238.

¹⁶ Fernando CATROGA, *Memória, História e Historiografia*, Coimbra, Quarteto, 2001, pp. 65-66.